

# Falta de decoro, convite ao autoritarismo

**EMIL FARHAT**

Nunca esta nação sentiu tanto as vantagens da total liberdade de imprensa como agora. E provavelmente nunca nossa imprensa tenha estado tão à altura de sua função em face aos acontecimentos, como neste instante.

O jornalismo brasileiro, escrito e falado, pelas empresas e pelos seus profissionais militantes, está fazendo com que os ventos higienizadores varram impiedosamente todos os quadrantes e todos os escaninhos da vida pública.

Não apenas os escândalos dos governos anteriores foram e são esquadrinhados, como também os erros e abusos de menor (?) escala que, cometidos no passado, o continuam sendo na Nova República.

Exemplo particularizado disto são as revelações sobre os trens e os mini-comboios "da Alegria", desde o que deixou a gare do Senado Federal em fins de 1984, como os outros que se sucederam, e se sucedem, na Câmara dos Deputados, nas Assembléias estaduais e nas Câmaras municipais.

Os fatos do oxigênio da liberdade estão pondo a nu tanto manobras camufladas, em bastidores supostamente recatados do próprio Poder Judiciário, como nas corridas cínicas, a céu aberto, que fazem todos os tipos de carreiristas patrocinados por parentes ou protetores poderosos.

Falando de comboios, somente agora com as revelações de jornalistas sinceros, o País está sabendo o quanto os membros do Congresso cuidaram, e continuam cuidando de si, e dos seus. "Além de ampliarem as rendas familiares, distribuindo parentes consanguíneos ou afins pelos diversos serviços das duas casas", informa corajosamente Carlos Castello Branco, os congressistas se puseram a salvo das pesadas taxações do imposto de renda, reduzindo a um terço apenas a parte fixa dos seus salários. (Nisto, acrescentamos, repetem os privilégios a que se deram, com a mesma aritmética dedutiva, os militares e os magistrados.)

"Não há notícia, continua Castello Branco, de qualquer vantagem perdida, ao longo dos anos em que se perderam tantas prerrogativas. Há verbas para passagens, para telefones, para transporte urbano, há um reembolso, há tudo e há serviços médicos gratuitos para parlamentares, suas

famílias, seus funcionários, extensivos até mesmo a nós, jornalistas credenciados para a cobertura dos trabalhos legislativos."

Muitos políticos, e outros homens públicos, que se juram democratas, fiam-se na suposição de que as hienas do autoritarismo só se sentem aticadas quando tocadas com a vara curta das provocações extremistas. Aham esses liberais que somente a ação violenta dos agitadores de punho cerrado ameaça as defesas democráticas, e pode abrir caminho para a contrapartida do momentaneamente acuado despotismo de direita.

Quando, por exemplo, Tancredo Neves indicou como uma das metas importantes de seu governo a guerra às mordomias, e seus desdobramentos, o País ouviu surpreso, e decepcionado, a reação de um dos líderes democratas que mais admirava. Sua excelência veio a público discordar, alegando que não achava prioritário o combate a esse contagioso foco de infecção moral.

Coincidência ou não, esse salvo-conduto vindo de tão alto das lideranças ora dominantes parece ter rebentado todas as comportas da compostura, entre as forças

políticas vitoriosas. E o que se vê é uma corrida desatinada a tudo que possa assegurar as vantagens, os cargos ou as posições que, por seu *dolce far niente*, equivalem e, às vezes, até ultrapassam as benesses das mordomias.

Um de nossos intelectuais mais esclarecidos e de ouvidos mais próximos do poder, reconhece decepcionado que "a Nova República quer nomear seus filhos, seus genros, seus sobrinhos, seus primos, de modo a preencher todos os claros abertos com a devolução dos militares aos quartéis".

Acrescente-se a isto o estouro da boia-da provocado nos partidos mais responsáveis pela ação da *mosca azul*, cuja picada leva a delírios alucinatórios tanto homens de aparente equilíbrio como as mediocridades saltitantes, guindadas por algum acaso a nichos ou subnichos do poder.

Através da crítica incessante e candente, o País precisa conter a gula furiosa dos que demonstram falta de decoro no Congresso, no Judiciário ou no Executivo.

Muito mais do que de punhos cerrados, as hienas do autoritarismo alimentam suas reações e manobras à base da carne podre, lançada à praça pública nos torneios do impudor e do cinismo.